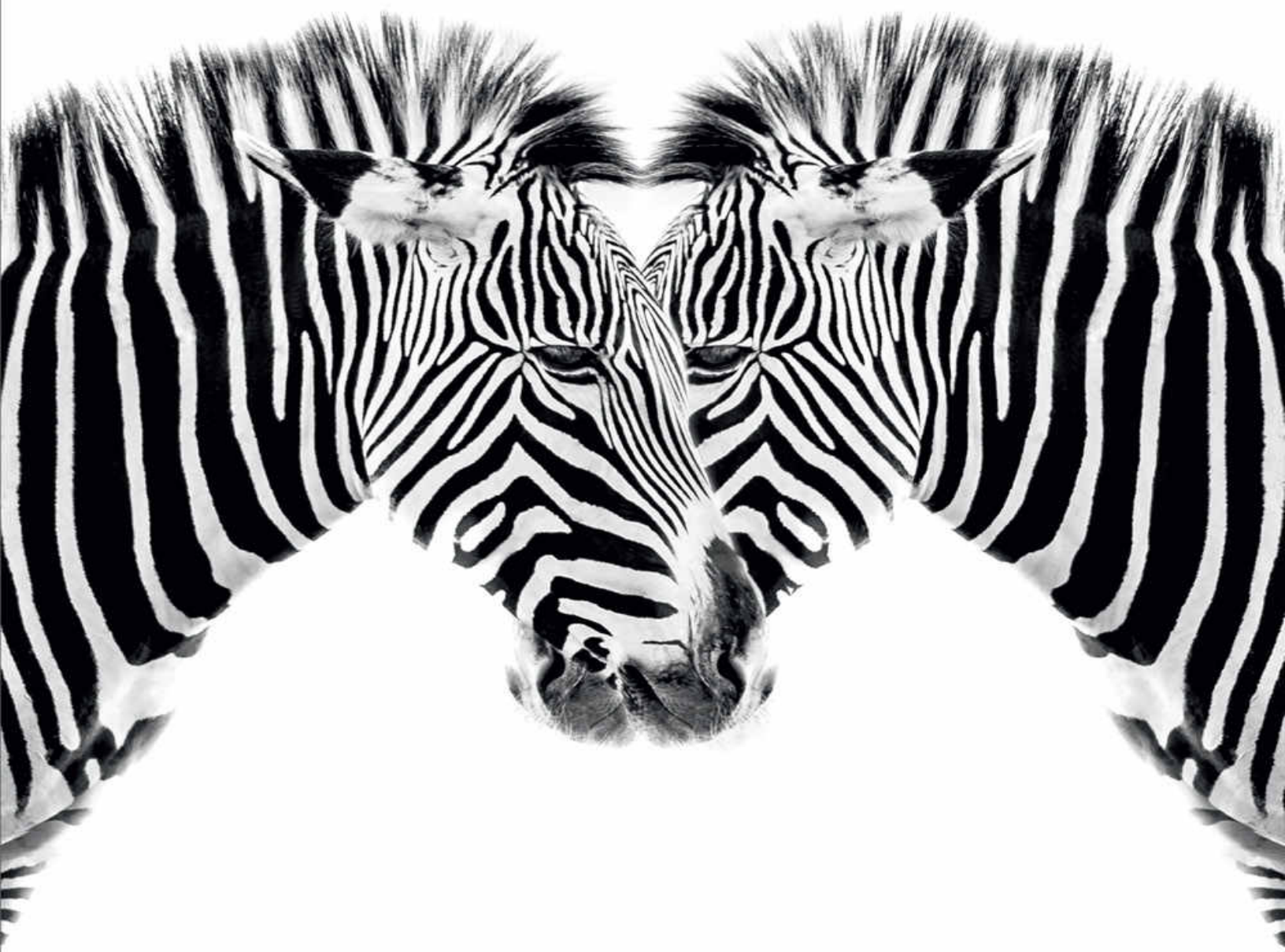


Ernest Hemingway

CONTOS • VOLUME 2



B

Do mesmo autor:

Adeus às armas

A quinta-coluna

As ilhas da corrente

Contos (Obra completa)

Contos – Vol. 1

Contos – Vol. 2

Contos – Vol. 3

Do outro lado do rio, entre as árvores

Ernest Hemingway, repórter: tempo de morrer

Ernest Hemingway, repórter: tempo de viver

Morte ao entardecer

O jardim do Éden

O sol também se levanta

O velho e o mar

O verão perigoso

Paris é uma festa

Por quem os sinos dobram

Ter e não ter

Verdade ao amanhecer

Finesse Hemingway
— CONTOS • VOLUME 2 —

5ª edição

Tradução
J. J. Veiga

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Copyright © 1999 by Hemingway Foreign Rights Trust.

“A vida breve e feliz de Francis Macomber”: copyright original © 1936 Hearst Magazines, Inc., copyright renovado © 1964 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “A capital do mundo” e “As neves do Kilimanjaro”: copyright original © 1936 Esquire, Inc., copyright renovado © 1963 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “O velho na ponte”: copyright original © 1938 Ken, Inc., copyright renovado © 1965 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “A volta do soldado”, “Gato na chuva” e “O meu velho”: copyright original © 1925 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1953 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Em um outro país”, “Colinas parecendo elefantes brancos”, “Os pistoleiros”, “Uma indagação inocente”, “Um canário para ela” e “Agora vou dormir”: copyright original © 1927 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1955 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Che Ti Dice La Patria?”: copyright original © 1927 The New Republic, copyright renovado © 1955 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Cinquenta mil”: copyright original © 1927 Atlantic Monthly Co., copyright renovado © 1955 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “Um lugar limpo e bem iluminado”, “A luz do mundo”, “Homenagem à Suíça” e “O jogador, a freira e o rádio”: copyright original © 1933 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1961 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway; “História natural dos mortos”: copyright original © 1932, 1933 Charles Scribner’s Sons, copyright renovado © 1960, 1961 John Hemingway, Patrick Hemingway e Gregory Hemingway.

Título original: *The complete short stories of Ernest Hemingway*

Capa: Angelo Allevalo Bottino

Imagem de capa: © Justin Lo / Getty Images

Editoreção eletrônica da versão impressa: Imagem Virtual Editoreção Ltda.

Preparação de texto: Veio Libri

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015

Produzido no Brasil

Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

H429c Hemingway, Ernest, 1899-1961

Contos, volume 2 [recurso eletrônico] / Ernest Hemingway; tradução J. J. Veiga. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

recurso digital (Contos; 2)

Tradução de: *The complete short stories of Ernest Hemingway*

Sequência de: Contos, volume 1

Continua com: Contos, volume 3
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-286-2132-7 (recurso eletrônico)


1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Veiga, J. J. II. Título. III. Série.

15-23891

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA .
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 Fax: (0xx21) 2585-2087

 Leitura Fácil

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Sumário

A vida breve e feliz de Francis Macomber

A capital do mundo

As neves do Kilimanjaro

O velho na ponte

A volta do soldado

Gato na chuva

O meu velho

Os renitentes

Em um outro país

Colinas parecendo elefantes brancos

Os pistoleiros

Che ti dice la patria?

Cinquenta mil

Uma indagação inocente

Um canário para ela

Agora vou dormir

Um lugar limpo e bem iluminado

A luz do mundo

Homenagem à Suíça

História natural dos mortos

O jogador, a freira e o rádio

A VIDA BREVE E FELIZ
DE FRANCIS MACOMBER



Já estava na hora do almoço, e todos se encontravam sentados na tenda de refeições, protegidos pelo duplo cortinado verde, fingindo que nada havia acontecido.

— Você quer suco de lima ou refresco de limão? — perguntou Macomber.

— Prefiro uma batida — disse Robert Wilson.

— Também vou querer uma batida. Preciso beber alguma coisa — acrescentou a mulher de Macomber.

— É, acho que vocês é que estão certos — concordou Macomber. — Mande-o preparar três batidas.

O copeiro já havia começado a fazê-las, retirando as garrafas das geladeiras portáteis de lona, que transpiravam sob o vento que soprava por entre as árvores que davam sombra às tendas.

— Que gorjeta devo dar a esses empregados? — perguntou Macomber.

— Se lhes der uma libra esterlina, estará muito bom. Não convém deixá-los mal-acostumados.

— Dando-a ao capataz, será que ele se encarrega de distribuí-la?

— Sem dúvida!

Meia hora antes, Francis Macomber fora carregado em triunfo da orla do acampamento até a sua tenda, nos braços e ombros do cozinheiro, dos copeiros, do esfolador e dos carregadores. Os auxiliares de caçada ostensivamente se abstiveram

de participar daquela manifestação. Quando os africanos o depuseram à entrada de sua tenda, ele apertara as mãos de todos eles e recebera seus cumprimentos antes de entrar, sentar-se na cama e esperar que sua mulher chegasse. Ela não lhe dirigiu palavra, e ele se levantou abruptamente para lavar o rosto e as mãos na pia portátil que ficava do lado de fora, dirigindo-se depois para a grande tenda-refeitório, onde se sentou numa confortável cadeira de lona, deliciando-se com a brisa e a sombra.

— Pois não é que você abateu o seu leão? — disse-lhe Robert Wilson, acrescentando: — E excelente, por sinal!

A sra. Macomber lançou os olhos para Wilson. Ela era uma mulher muito atraente e bem-posta, cuja beleza e posição social bem justificavam os cinco mil dólares que, cinco anos antes, recebera, pela recomendação, ilustrada com fotografia, de qualquer produto de toucador que, muito provavelmente, ela jamais usara. Estava casada com Francis Macomber já lá iam onze anos.

— É de fato um bom leão, não é? — concordou Macomber. Sua mulher olhou para ele, dessa vez. Olhou para os dois homens, em verdade, mas era como se nunca os tivesse visto antes.

Um deles, Wilson — o caçador profissional — ela realmente mal chegara a conhecer. Era um homem de estatura mediana, cabelos quase ruivos, bigode curto e eriçado, rosto bem vermelho e olhos de um tom azul-gelado, em torno dos quais se formavam suaves rugas esbranquiçadas quando ele sorria. E ele sorria para ela, agora, levando-a a desviar o rosto e fixar os olhos nos ombros dele, que se delineavam sob a túnica folgada que estava vestindo, com quatro grandes cartuchos presos em canaletas no local onde haveria um bolso frontal à esquerda, em suas largas mãos queimadas de sol, e em seu calção velho e suas botas imundas, antes de retornarem a seu rosto vermelho. Notou a faixa branca que se estendia a certa altura, correspondendo ao círculo de sombra que seu velho chapéu Stetson deixava abaixo da testa, chapéu que, agora, estava pendurado numa saliência do mastro de sustentação da tenda.

— Bem, ergo um brinde ao leão! — saudou Robert Wilson, sorrindo novamente para ela, que, de cara fechada, olhava com um ar curioso para o marido.

Francis Macomber era muito alto, bem-feito de corpo (se não se levassem em conta seus ossos longos), moreno, cabelos cortados rente como os de um remador universitário, lábios finos. Um homem atraente, no julgamento geral. Vestia o mesmo tipo de roupas para um safári, como as de Wilson, com a diferença de que as suas eram novas e limpas. Estava com 35 anos, mantinha-se em plena forma e era muito bom jogador de tênis, além de ter recebido vários troféus em torneios de pesca oceânica. Apesar de tudo isso, acabara de demonstrar — da maneira mais pública — sua covardia.

— Ergo também o meu — disse ele a Wilson. — Jamais lhe poderei agradecer suficientemente pelo que fez.

Margaret, sua mulher, virou o rosto para Wilson, e comentou:

— Acho melhor não falarmos sobre esse leão.

Wilson olhou para ela, com ar espantado, recebendo um sorriso de volta.

— É, foi mesmo uma manhã esquisita a de hoje — reconheceu ela. — Você não acha que deveria manter o chapéu na cabeça aqui dentro, ao meio-dia, como me disse que costuma fazer em certas situações?

— Sim, talvez seja o caso — respondeu Wilson.

— O seu rosto está danado de vermelho, senhor Wilson — falou ela com um estranho sorriso.

— Deve ser por causa da bebida — respondeu ele.

— Não creio. Francis bebe um bocado, e seu rosto nunca fica vermelho.

— Está um tanto vermelho agora — ironizou Macomber num forçado tom jocoso.

— Não. O meu é que está. Mas o do sr. Wilson é sempre vermelho.

— Talvez tenha algo a ver com minhas origens raciais — cortou Wilson, acrescentando: — Vocês não acham que é melhor mudar de assunto?

— Ora, eu mal falei nisso...

— Sim, mas acho bom não prosseguirmos — pediu Wilson.

— Se tivermos assuntos proibidos, a conversa ficará bastante monótona — respondeu Margaret.

— Ora, não seja boba, Margô — advertiu-lhe o marido.

— Para que perder tempo com isso? — continuou Wilson. — Eu já disse que é um leão muito bom!

Margô olhou os dois, e ambos perceberam que ela estava a ponto de chorar. Wilson sentira que isso iria acontecer, temendo pelo pior, mas Macomber desistira de se preocupar.

— Eu gostaria que nada disso tivesse acontecido! Oh, nada disso! — Levantou-se de súbito e se dirigiu para a sua tenda. Não fizera o menor ruído ao chorar, mas os dois puderam ver que seus ombros tremiam sob a blusa cor-de-rosa, à prova de sol, que ela estava usando.

— As mulheres ficam nervosas à toa — disse Wilson a seu cliente altão. — Vai-se ver, não é nada, mas seus nervos reagem de forma incontrolável...

— Não se trata disso — explicou Macomber. — Acho que vou ter de carregar essa coisa pelo resto da minha vida.

— Bobagem! — falou Wilson. — Vamos é nos lembrar sempre da cara do bicho. Esqueça-se do resto, pois não tem a menor importância.

— Farei força — concordou Macomber. — De qualquer maneira, jamais me esquecerei do que você fez por mim.

— Não fiz nada de mais! Já lhe disse que não tem a menor importância.

Ficaram em silêncio algum tempo, naquela área do acampamento sombreada por copadas acácias, tendo por trás uma colina cheia de pedras e, depois, uma extensão de capinzal que chegava até a margem de um rio cujo leito era também pedregoso, além do qual começava a floresta. Beberam suas batidas razoavelmente geladas, evitando-se reciprocamente os olhares, enquanto os rapazes preparavam a mesa para o almoço. Wilson pôde logo ver que eles já sabiam de tudo agora e, ao notar que o copeiro destacado para servir Macomber olhava de soslaio para o patrão, enquanto colocava os pratos, passou-lhe um pito em suaíli. O rapaz virou-se e se afastou com uma cara assustada.

— O que foi que você lhe disse? — perguntou Macomber.

— Nada. Disse-lhe que não ficasse com aquela cara de morto, ou mandaria dar-lhe quinze das boas!

— O quê? Chicotadas?

— Sei que é ilegal — explicou Wilson —, mas é sempre bom assustá-los um pouco, nem que seja com alguma multa.

— Mas ainda se usa açoitá-los de vez em quando?

— Oh, sim! Sei que haveria uma onda danada se fossem queixar-se às autoridades, mas a verdade é que as preferem às multas...

— Que estranho! — acrescentou Macomber.

— Nem tanto — admitiu Wilson. — O que você preferiria? Umas chibatadas ou perder o seu salário?

Deu-se conta de que era uma pergunta idiota a alguém como Francis Macomber e, antes que ele pudesse responder, acrescentou:

— A vida nos açoita a toda hora, você sabe... Ora de um jeito, ora de outro...

A emenda fora pior do que o soneto. “Meu Deus! Que merda de diplomata que eu sou!”, concluiu.

— Sim, a vida nos dá umas boas surras — reconheceu Macomber, ainda sem olhar para ele. — Sinto muito esse caso do leão, mas o assunto pode ficar entre nós, não é? Espero que não faça uma onda a respeito dele.

— Você pensa que vou falar sobre isso lá no Club Mathaiga? — Wilson olhou duramente para ele. Não esperava que essa preocupação viesse à tona. “Se pensa nisso, é um bom filho da puta, além de covarde. Eu gostava dele até agora, mas como é que se pode descobrir o que um americano esconde dentro de si?” — Certamente que não — continuou Wilson. — Sou um caçador profissional. Temos como norma jamais falar a respeito de nossos clientes. Pode ficar tranquilo quanto a isso. E saiba que não é de bom-tom pedir-nos que mantenhamos reserva...

Wilson já concluía que seria muito melhor manter um certo distanciamento deles. Comer sozinho, ler um livro durante as refeições. Acompanhá-los pelo resto do safári num relacionamento puramente formal — como é, mesmo, que os franceses o classificam? Relações respeitadas? Bem, seria pelo menos muito mais confortável do que ter de passar por esses acessos emocionais. Ser insultado por um cliente que nem se dava conta do que dizia... Era melhor, mesmo, ficar com seu livro no almoço e no jantar, e bebendo o uísque pago por ele... A propósito, essa frase era a que melhor definia certos tipos de safáris, os que não davam certo. Você

se encontrava com colega, e lhe perguntava: “Como vão as coisas?”, e ele respondia: “Bem, pelo menos ainda estou bebendo o uísque pago por ele...” Isso significava que as coisas haviam desandado...

— Peço desculpas — falou Macomber, olhando para ele com aquela cara americana que permaneceria adolescente até quando chegasse à meia-idade, Wilson observando seu cabelo à escovinha, seus olhos claros e ligeiramente fugidios, seu nariz perfeito acima dos lábios finos e do queixo elegante. — Perdoe-me a mancada. Há um monte de coisas que eu não compreendo bem...

“Vejam só!”, pensou Wilson. “Estou disposto a deixar de lado tudo isso, e esse cara vem me pedir desculpas por me haver insultado...” Mas decidiu pôr os pingos nos is:

— Não me leve tão a sério! Tenho de ganhar a vida, e você sabe que, na África, não há mulher que não abata o seu leão, nem homem que não borre as calças...

— Pois eu borrei as minhas da maneira mais vergonhosa — admitiu Macomber.

“Ora, ora! O que é que se pode dizer a um cara que fala tão direto como este?”, pensou Wilson.

Olhou para Macomber, que tinha aqueles olhos frios de um fuzileiro, e viu o relance de um sorriso em seu rosto. Era um sorriso cordial e envolvente, se não se notasse como seus olhos ficavam tristes quando ele tinha algum drama interior.

— Bem, não posso desistir por isso. Vamos consertar tudo quando eu tiver de enfrentar um búfalo. É o que iremos caçar agora, não é?

— Poderemos tentar amanhã, se você estiver disposto — concordou Wilson. “Esses americanos são mesmo imprevisíveis”, pensou. “Pois não é que este cara está pensando direito? É exatamente o que se deve fazer, nesses casos.” Sua simpatia por Macomber voltou à tona, não importava mais o que ocorrera aquela manhã. Mas é claro que importava! Aquilo fora realmente imperdoável.

— Veja, a *Memsahib* está vindo — disse a Macomber. E, de fato, lá vinha ela de sua tenda, parecendo refrescada e alegre, além de muito atraente. Tinha um rosto

perfeitamente oval, tão bem-delineado que se poderia imaginá-la uma boneca vazia. “Mas ela não é nada vazia”, admitiu Wilson a si mesmo. “Nada vazia!”

— Como está o nosso belo sr. Wilson de cara vermelha? — perguntou ela. — E você, Francis, meu doce? Está se sentindo melhor agora?

— Sim, muito melhor! — confessou Macomber.

— Pois eu decidi não ligar para mais nada — falou ela sentando-se à mesa. — Não tem a menor importância que o Francis seja, ou não seja, bom para abater leões. O seu negócio não é esse. O sr. Wilson é que se ocupa disso. Ele é realmente muito bom nesse negócio de matar animais. O senhor mata qualquer um deles, não é?

— Sim, qualquer um deles, qualquer coisa que se mexa — respondeu Wilson. “Mas mulheres como essa”, pensou ele, “são as feras mais perigosas, mais cruéis que o mundo conhece, as mais atraentes e predatórias, e seus machos acabam amolecendo ou estourando em mil pedaços quando elas passam a jogar pesado. Ou será que elas sabem escolher exatamente o tipo de homem que podem dominar? Talvez não tenham esse dom quando se casam” — imaginou —, “mas dou graças a Deus por me ter escolado bem antes em mulheres americanas, pois essa espécie é das mais atraentes...”

— Amanhã iremos caçar búfalos — disse a ela.

— Ah, irei com vocês?

— Não, não irá, não!

— Irei, sim! Não posso, Francis?

— Por que não fica no acampamento?

— Por nada deste mundo! Você acha que eu ficaria, depois do que presenciei esta manhã? Por nada deste mundo!

Afastou-se deles por um momento, e Wilson se deu conta de que, quando saíra antes do almoço para ir chorar, ela lhe parecera uma mulher extraordinária, compreensiva, mostrando-se magoada tanto pelo que acontecera com o marido quanto por si mesma, ao ver em que pé estavam as coisas. Agora, porém, ela voltava à arena envolta naquele manto de crueldade feminina que destaca as

mulheres americanas. “É isso mesmo! Essas mulheres são as mais danadas que se possa conhecer!”

— Prepararemos outro show para você amanhã cedo — falou Macomber.

— Ela não irá conosco! — insistiu Wilson.

— Você está enganado — respondeu ela. — Quero muito vê-lo novamente em ação. Você esteve ótimo hoje cedo, se é que se possa achar ótimo estourar cabeças de animais.

— O almoço está servido — disse Wilson. — A senhora ficou alegre de repente, não é?

— E por que não deveria ficar? Afinal de contas, não vim aqui para me chatear.

— É, não se pode dizer que este safári esteja sendo chato — respondeu-lhe Wilson, com os olhos postos nas grandes pedras que se erguiam no leito do rio e na mata que se via para além da margem de lá, lembrando-se do incidente matinal.

— Claro que não! Tem sido magnífico! Como será amanhã? Vocês não têm ideia de como estou ansiosa pela caçada de amanhã.

— Seu marido talvez não encontre mais do que uns elands* para lhe oferecer — sugeriu Wilson.

— Elands? Aqueles bichos que parecem vacas, mas saltam como lebres?

— É uma boa descrição — reconheceu Wilson.

— E sua carne é excelente! — acrescentou Macomber.

— Você já caçou algum deles, Francis?

— Já.

— Eles não são perigosos, não é, querido?

— Só se caírem em cima da gente — esclareceu Wilson.

— Ah! Fico feliz em saber!

— Por que não para com essa ironia barata, Margô? — indagou Macomber, enquanto cortava um bife de eland e colocava um pouco de purê de batatas e molho de cenoura por sobre o garfo de servir, fincado na carne.

— Pois não, meu bem, já que você diz isso tão bonitinho...

— Poderemos beber um champanhe hoje à noite para comemorar o leão — lembrou Wilson. — Está muito quente para bebermos agora.

— Ah... o leão!... Pois não é que já estava quase esquecendo dele? — admitiu Margô.

“Lá vem ela de novo”, pensava Wilson. “Não sai da pele dele. Ou será que se diverte com isso? Como é que uma mulher age quando vê que seu marido não passa de um covarde? Ela é de fato cruel, mas qual a mulher que não é? Elas querem é mandar, sem dúvida, e mandar exige às vezes certa dose de crueldade... Bem, mas já estou cheio dessa jogada!”

— Coma um pouco mais de *eland* — disse-lhe no tom mais educado.

Naquela tarde, quase ao fim do dia, Wilson e Macomber, acompanhados do motorista e dos dois batedores nativos, saíram no utilitário para dar uma bordejada. A sra. Macomber ficou no acampamento. “Está muito quente para andar por aí” — dissera ela, garantindo que iria com eles à caçada matinal. Quando partiram, Wilson viu-a de pé, à sombra da grande árvore, parecendo mais graciosa do que bela em seus trajes rosados, seus cabelos negros puxados para trás da testa e formando um coque à altura da nuca, seu rosto tão fresco — ele pensou — como se estivesse na Inglaterra. Ela os saudou com a mão quando o carro começou a penetrar a primeira onda de capim verde-amarelado para fazer uma curva em torno das árvores e rumar para as ladeiras cobertas de vegetação rasteira.

Chegando a esse bosque avistaram logo um rebanho de impalas e, descendo do veículo, cercaram um velho macho com longos chifres bem abertos, que Macomber matou com um tiro muito bem-dado, derrubando-o de uma distância de duzentos metros e fazendo com que o resto da manada saísse aos saltos, uns por cima dos outros, em acrobacias tão fantásticas e incríveis como as que só em sonhos às vezes vemos.

— Foi um tiro notável — cumprimentou Wilson —, sendo tão pequeno o alvo.

— Sua cabeça vale a pena como troféu? — perguntou Macomber.

— Claro! Continue atirando assim, que não terá a menor dificuldade.

— Será que encontraremos búfalos amanhã?

— Temos boa chance. Eles gostam de comer bem cedo, antes do sol se erguer muito, e, com alguma sorte, toparemos com eles em campo aberto.

— Gostaria de passar uma borracha nesse capítulo do leão — falou Macomber. — Não é muito agradável ter minha própria mulher como testemunha duma vergonheira daquelas.

“Acho muito mais desagradável que a tenha feito, com ou sem testemunhas”, pensou Wilson. “E ainda pior ficar falando disso.” Mas preferiu dizer-lhe:

— Tire isso da cabeça! Afinal de contas, qualquer um pode intimidar-se diante de seu primeiro leão. A coisa acabou, e está acabada!...

À noite, no entanto, após o jantar e uns uísques com soda diante do fogo, antes de todos se recolherem às suas tendas para dormir nas camas de lona, sob os mosquiteiros, ouvindo ao longe ruídos da selva, a coisa não estava acabada. Nem acabada, nem começando. Ela simplesmente continuava, com algumas partes perversamente realçadas, deixando-o dominado por esmagadora vergonha. Mais do que vergonha, o pior era aquela sensação de medo, fria e seca, que vinha do mais fundo de si mesmo. Sim, o medo continuava dentro dele, como se um buraco vertiginoso e escorregadio tivesse tomado o lugar de sua autoconfiança, e ele se sentia muito mal por isso. O medo continuava dentro dele, estava ali, naquele mesmo instante.

Tudo começara na noite anterior, quando acordara ao ouvir os rugidos do leão, vindos de algum lugar à margem do rio. Era um ruído surdo, ao fim do qual vinha algo parecido como uma sequência de tossidas, aparentemente tão próximo como se a fera estivesse do lado de fora de sua tenda. Macomber acordara naquela escuridão e ficara apavorado. Na outra cama, ressonando suavemente, sua mulher dormia tranquila. Não havia ninguém a quem pudesse dizer do medo que o acometera, ou que pudesse ter medo juntamente com ele. Macomber ainda não tinha tomado conhecimento do velho provérbio suaíli que diz das três vezes que um homem corajoso se apavora com um leão: ao descobrir-lhe as pegadas, ao ouvir-lhe o rugido e ao confrontar-se com ele. Mais tarde, quando ainda estavam fazendo o desjejum à luz de lampiões, antes de o sol começar a se erguer, o leão rugira novamente, e Francis pensara que ele estivesse ao lado do acampamento.

— Soa como um veterano — observou Robert Wilson, erguendo os olhos de seu café com biscoitos. — Ouçam como tosse...

— Estará mesmo tão perto quanto soa?

— Está a pouco mais de mil metros, rio acima, na margem de lá.

— Vamos avistá-lo?

— Tudo indica que sim.

— Então, vamos torcer por isso.

— Engraçado como esse rugido chega de longe, parecendo tão próximo. Esta noite, podia jurar que o bicho estava no acampamento!

— Ah, ele vai longe mesmo... É incrível a sua potência sonora. Só espero que seja uma boa peça para caçarmos. Os rapazes me disseram que há um grandão por aí...

— Se eu conseguisse dar um tiro nele, em que parte devo atirar para derrubá-lo de vez? — perguntou Macomber.

— Mire nos ombros — sugeriu Wilson. — Ou no pescoço, caso possa acertar. O importante é atingir um osso. Quebrá-lo.

— Espero acertá-lo num local adequado.

— Ora, você atira muito bem — disse-lhe Wilson. — Tenha calma, faça boa pontaria. O primeiro tiro é o que realmente conta.

— E de que distância devo atirar?

— Não se pode dizer. O próprio leão é que determina isso. Não atire enquanto ele não esteja perto o bastante para você não errar.

— A menos de cem metros? — perguntou Macomber.

Wilson lançou-lhe um olhar apreensivo.

— A cem metros estará bem. Talvez um pouco menos. Não se deve arriscar de distâncias maiores. Cem metros é a distância decente. Você poderá atingi-lo onde quiser. Oh, lá vem a *Memsahib*.

— Bom-dia — saudou ela. — Vamos atrás daquele leão?

— Assim que tomar seu café — disse-lhe Wilson. — Como está se sentindo?

— Muito bem! — admitiu ela. — E muito excitada!

— Vou ver se está tudo preparado — falou Wilson. Mal começara a afastar-se quando o leão rugiu novamente.

— Que desgraçado barulhento! — reclamou Wilson. — Logo acabaremos com essa zoada!

— Que há, Francis? — perguntou-lhe a mulher.

— Não há nada.

— Há, sim! Você está com um ar preocupado.

— Não, não estou.

Olhando-o bem de frente, ela insistiu:

— Diga-me logo. O que há?

— É esse maldito rugido — reconheceu Macomber. — Você sabe que o desgraçado não parou de rugir a noite inteira?

— Por que não me acordou, meu bem? Eu adoraria tê-lo ouvido.

— Tenho que acabar com esse desgraçado — proclamou Macomber num tom não muito animado.

— Claro! Foi para isso que viemos até aqui, não foi?

— Sim, mas estou um pouco nervoso. Esse rugido sem parar me deu nos nervos.

— Pois faça o que o Wilson disse, acabe logo com essa zoada.

— Sim, minha querida. Falar é fácil...

— Você não está com medo dele, está?

— Claro que não! Mas já lhe disse que esse rugir constante me deu nos nervos.

— Você irá abatê-lo com a maior classe — animou-o. — Estou certa de que irá fazê-lo. Estou ansiosíssima para ver esse espetáculo!

— Tome logo o seu café para nos arrancarmos.

— Calma! Ainda nem está claro... Por que escolheram esta hora ridícula?

Foi quando o leão rugiu novamente, num tom cavo, profundo, numa reverberação que sacudiu o ar e terminou com uma espécie de gemido que se transformou num rosnado.

— Puxa! Parece até que o bicho está aqui ao nosso lado! — disse a mulher de Macomber.

— Desgraçado! Odeio esse maldito barulho!

— É impressionante! — comentou ela.

— Impressionante? É assustador! — falou ele.

Robert Wilson juntou-se a eles, trazendo nas mãos sua Gibbs calibre .505, de cano curto, uma arma feia de se ver. Estava sorrindo.

— Vamos lá — animou ele. — Seu batedor já está com a Springfield e a outra arma pesada. Botou tudo no carro. Você tem as balas à mão?

— Tenho.

— Eu estou mais do que pronta! Andemos — disse a sra. Macomber.

— Vamos lá acabar com esse barulho — acrescentou Wilson. — Você vai no banco da frente, e ela irá comigo no de trás.

Entraram no veículo e começaram a andar, naquela tênue luminosidade matinal, pela margem do rio, passando pelas árvores. Macomber baixou o cano da arma e viu que seu rifle estava carregado com balas de aço. Fechou-o de novo, armou-a e deixou o gatilho na posição de segurança. Notou que suas mãos tremiam um pouco. Verificou se tinha mais balas no bolso e depois passou os dedos pelos cartuchos enfiados nas dobras que havia nas partes fronteiras de sua túnica. Voltou-se para Wilson, sentado no banco traseiro, ao lado de sua mulher, e notou que os dois sorriam, excitados, naquele carro desconfortável, sem portas, compacto. Wilson inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Veja que os abutres já estão descendo das árvores. É sinal de que o leão abandonou a carcaça.

De fato, ao olhar para a outra margem do rio, Macomber pôde ver abutres revoando em círculos, vários deles mergulhando em direção ao solo.

— Pela ordem, o leão deve agora vir beber água por aqui, antes de tirar sua soneca. Fique atento!

Estavam trafegando bem devagar pela margem escarpada, que levava abruptamente ao leito do rio, e ziguezagueavam por entre as árvores. Macomber tinha os olhos postos na outra margem quando sentiu a mão de Wilson pousar em seu braço. O carro parou.

— Lá está ele — falou-lhe Wilson ao pé do ouvido. — Um pouco à frente, à direita. Desça e abata-o. É uma peça fora do comum!

Macomber pôde ver o leão agora. Estava em pé, paralelo ao leito do rio, a cabeçorra voltada para onde eles estavam. A suave brisa matinal que soprava na direção deles agitava a negra juba da fera. O leão parecia enorme, visto em silhueta no alto do barranco, naquela luminosidade cinzenta da manhã, com seus ombros altos e aquele corpanzil sólido e vistoso.

— A que distância está ele? — perguntou Macomber, alçando seu rifle.

— Talvez oitenta metros. Desça do carro e acabe com ele!

— Por que não atiro daqui mesmo?

— Não se deve atirar de dentro de um carro — sussurrou Wilson aos seus ouvidos. — Desça logo! Ele não vai ficar esperando o dia inteiro por você.

Macomber saiu do carro pela abertura em curva ao lado do assento, pôs um pé no estribo e pousou o outro no solo. O leão permanecia estático e majestoso, olhando friamente para o carro, um objeto que seus olhos apenas viam como um contorno vago, talvez um grande rinoceronte. Como a brisa soprava por cima dele, nenhum cheiro de homem chegava até lá, e ele ficou observando aquele objeto com alguma curiosidade, movendo sua grande cabeça para lá e para cá. Sem demonstrar medo, mas hesitando um pouco antes de descer a escarpa até o leito do rio para beber, tendo aquele vulto estranho diante de si, percebeu que a figura de um homem se destacava do vulto, avançando para ele. Dando-lhe as costas, buscou num salto a proteção das árvores, mas ouviu um estampido e sentiu o impacto de uma sólida bala calibre .30-06, espoleta de 13 gramas, que lhe mordeu o flanco e injetou-lhe algo muito quente no corpo, produzindo-lhe uma sensação de forte náusea no estômago. Trotando pesadamente, balançando a pança cheia de comida, passou por entre as árvores e buscava esconderijo no meio do capinzal alto quando ouviu novo disparo e percebeu algo passar zunindo por cima dele, cortando o ar. Mais um disparo, e, agora, sentiu o golpe que lhe atingiu as costelas inferiores e também foi fundo em seu corpo, trazendo-lhe imediatamente à boca um jorro de sangue quente e espumante. Correu o quanto pôde até chegar ao capinzal, onde se agachou, ficando à espera, invisível, de que aquele homem, com o pau barulhento nas mãos, se aproximasse dele o bastante para que o pudesse atacar.

Macomber não tinha a menor ideia de como o leão estava se sentindo. Apenas sabia que suas próprias mãos tremiam e que suas pernas pareciam pesadas demais para se mover. Estavam duras à altura das coxas, mas podia sentir-lhes os músculos vibrando. Ergueu o rifle, mirou um ponto na junção da cabeça com a espádua do leão e apertou o gatilho. Nada aconteceu, embora empregasse toda a força do dedo, ao ponto de pensar que ele iria quebrar-se. Foi então que se deu conta de que o deixara travado na segurança. Ao abaixar a arma, para destravá-la, deu um penoso passo à frente. O leão, ao ver seu vulto destacar-se da silhueta do carro, virou-lhe as costas e deu um salto em direção às árvores. Macomber disparou e ouviu um ruído penetrante que lhe indicou ter atingido o alvo, embora o animal continuasse correndo. Disparou de novo, e todos viram que a bala atingiu o solo pouco à frente dele. Disparou uma terceira vez, lembrando-se de baixar o cano, e todos também viram que a bala atingira de novo o animal, mas ele acelerou o passo e se escondeu no capinzal alto antes que Macomber pudesse armar o ferrolho para mais um tiro.

Ficou ali mesmo, indeciso, uma sensação de náusea no estômago, suas mãos trêmulas ainda agarradas ao rifle Springfield, que mantinha armado. Sua mulher e Wilson estavam agora perto dele. Ao lado, os dois batedores nativos falavam sem parar em seu dialeto *wakamba*.

— Eu o atingi! — proclamou Macomber. — Atingi-o duas vezes!

— O segundo tiro foi na barriga, e o primeiro o feriu um pouco à frente — afirmou Wilson sem participar de seu entusiasmo. Os batedores tinham agora um ar grave, e se mantinham em silêncio.

— É possível que tenha acabado com ele — continuou Wilson —, mas temos de esperar um pouco antes de ir até lá para nos certificarmos disso.

— O que quer dizer com isso?

— Temos de esperar que ele enfraqueça antes de ir atrás dele.

— Ah... — exclamou Macomber.

— É um leão de primeira! — reconheceu Wilson. — Pena é que tenha ido para o pior lugar...

— Por que pior?

— Porque você só poderá vê-lo quando estiver quase pisando nele...

— Ah... — exclamou Macomber outra vez.

— Bem, a *Memsahib* pode esperar por nós aqui no carro enquanto vamos até lá para examinar a trilha de sangue.

— Sim, fique aqui, Margô — pediu Macomber com a boca seca, quase não podendo falar.

— Por quê?

— Porque Wilson, que sabe das coisas, disse para você ficar.

— Temos que ir dar uma espiada — admitiu Wilson. — E ficando aqui terá uma boa visão de tudo.

— Está bem.

Wilson disse qualquer coisa em suaíli ao motorista, que acenou com a cabeça, e respondeu:

— Sim, *Bwana*.

Então, ele e Macomber desceram pelo barranco, atravessaram o leito do rio equilibrando-se nas pedras que se espalhavam por ele e subiram pela outra margem, agarrando-se nas raízes que se projetavam pelo terreno, até chegarem ao local onde o leão começara a correr e levara o primeiro tiro. Havia marcas de sangue na grama rasteira e os batedores indicaram com gravetos a direção para onde o animal se deslocara, que ficava além das árvores próximas ao rio.

— E agora, o que faremos? — perguntou Macomber.

— Não temos muita escolha — adiantou Wilson. — Não poderemos trazer o carro para cá. O barranco é muito íngreme. Vamos esperar um pouco até o bicho perder a força e depois você e eu iremos procurar por ele.

— Não seria bom tocar fogo no capinzal?

— Está muito verde ainda...

— Os batedores não poderiam desentocá-lo?

— Claro que poderiam! — concordou Wilson olhando para ele com uma cara chocada —, mas isso seria como condená-los à morte. Sabemos que o leão está ferido. Pode-se desentocar um leão sadio, pois ele irá afastar-se de onde vem o barulho. Mas, quando se trata de um animal ferido, pode-se estar certo de que ele atacará sempre. Ninguém poderá vê-lo até chegar ao pé dele. Ele se agachará de tal

forma no esconderijo de capim, como nem uma lebre seria capaz de fazê-lo. Não se deve mandar os rapazes mexerem com ele, pois podem ser estraçalhados.

— E que tal mandarmos os auxiliares de caça?

— Esses terão que ir conosco. Faz parte do seu *shauri*, do contrato que estabeleceram com o safári. Mas a cara deles não demonstra felicidade com isso, não é?

— Eu também não tenho a menor vontade de ir até lá — reconheceu Macomber, e essa frase praticamente escapou de seus lábios antes que percebesse tê-la dito.

— Nem eu — acrescentou Wilson num tom zombeteiro —, mas faz parte da ética dos caçadores. — Dando-se conta da inoportunidade dessas palavras, olhou para Macomber e notou que ele tremia, estando com uma cara terrível.

— Você está disposto a entrar sozinho naquele capinzal? Por que não deixamos o leão ficar lá até que morra?

Robert Wilson, que até então só pensara no leão e no problema criado por aquela situação, que não se preocupara com Macomber, embora notasse que ele estava um tanto aéreo, sentiu-se subitamente como alguém que, num hotel, abre a porta de um quarto errado e se depara com uma cena constrangedora.

— O quê?

— Por que não deixamos o leão ficar lá até que morra?

— Você acha, então, que podemos ignorar que ele tenha sido atingido?

— Não. Mas acho que podemos abandoná-lo à sua sorte.

— De modo algum!

— Por que não?

— Por dois motivos: primeiro, porque ele deve estar sofrendo; segundo, porque alguém pode passar por ali, sem saber de nada.

— Ah, estou entendendo...

— Como lhe disse, você não precisa se meter nesse lance. Eu cuidarei de tudo.

— Vou com você — afirmou Macomber —, embora esteja apavorado.

— Eu irei na frente quando formos procurá-lo — tranquilizou Wilson — e teremos o Kongoni ajudando-nos a rastrear. Fique atrás de mim, um pouco para o

lado. É bem provável que o ouçamos rosnar. Assim que o virmos, nós dois atiraremos. Não se preocupe com nada mais. Eu lhe darei cobertura. Pensando bem, talvez seja melhor mesmo que você não vá até lá. Será melhor assim. Fique com a *Memsahib* lá no carro, enquanto eu tento resolver o problema.

— Não, faço questão de acompanhá-lo.

— Está bem, mas não vá se não estiver realmente convencido disso. O problema, agora, faz parte do meu *shauri*, como bem sabe.

— Insisto em participar da coisa — insistiu Macomber.

Sentaram-se sob uma árvore e acenderam cigarros.

— Não quer dar um pulo até o carro e discutir o assunto com a *Memsahib* enquanto damos tempo ao tempo? — perguntou Wilson.

— Não.

— Então irei até lá e lhe pedirei para ter paciência.

— Ótimo! — fez Macomber. Ficou ali, suando nas axilas, com a boca seca e um vazio no estômago, esperando ter a coragem de pedir a Wilson que fosse até lá e acabasse com o leão sem ele.

Não imaginava que Wilson estivesse furioso pelo fato de ele não ter notado a irritação que o dominara momentos atrás, e por ter concordado que ele fosse falar com sua mulher. Mas o caçador profissional voltou, depois de algum tempo, e lhe disse:

— Achei bom trazer seu rifle de maior calibre. Fique com ele. Já demos muita folga ao leão, segundo me parece. Vamos lá!

Macomber apanhou o rifle, e Wilson lhe fez de novo a recomendação:

— Fique atrás de mim, uns quatro metros à minha direita, e faça exatamente o que eu lhe disser para fazer. — Dirigiu-se então em suaíli aos caçadores auxiliares, que estavam com uma cara de morte.

— Vamos em frente — ordenou.

— Posso tomar antes um gole d'água? — perguntou Macomber. Wilson deu a ordem a um dos auxiliares, que trazia um cantil preso à cintura, e ele prontamente tirou-lhe a tampa e a rolha, passando-a a Macomber, que a apanhou, sentindo quão pesada era e quão áspero e cabeludo o feltro que a envolvia. Ergueu-a até a boca e

olhou à sua frente, para o capinzal alto que se estendia antes das árvores de copas lisas. Uma brisa soprava na direção deles, fazendo com que o capinzal ondesse suavemente. Olhou para o auxiliar de caçada e pôde ver que ele também estava morto de medo.

Cerca de 35 metros adiante, escondido no capinzal, o grande leão permanecia colado ao solo. Com as orelhas voltadas para trás, seu único movimento era uma ligeira agitação da longa cauda que terminava num tufo de pelos pretos. Ele ficara à espreita tão logo alcançara esse esconderijo, sentindo-se mal com o ferimento na barriga cheia, e também com o outro, nos pulmões, que lhe trazia uma espuma sanguinolenta à boca cada vez que respirava. Seus flancos estavam quentes e úmidos, e as moscas não saíam dos buracos que as balas de aço tinham feito em seu couro de cor caramelada. Os grandes olhos amarelos, estreitados pelo ódio, estavam fixados à frente, apenas piscando quando a dor causada pela respiração o dominava, e suas garras se enterravam na terra macia, crestada pelo sol. Todo ele era dominado por dor, mal-estar e ódio, e tudo o que restava de sua força se concentrava numa absoluta atenção, preparando-se para disparar. Podia ouvir a fala dos homens e esperava, disposto a fazer um ataque fulminante assim que eles se aproximassem do capinzal. Acompanhando suas vozes, a cauda se erguia e baixava, tensa. Quando as vozes chegaram mais perto dele, o leão rosnou e tossiu, saltando à frente com toda fúria.

Kongoni, o velho caçador auxiliar, estava adiante, seguindo a trilha de sangue; Wilson vinha atrás dele, atento a qualquer movimento brusco do capim alto, sua poderosa arma pronta para atirar; um pouco à esquerda, o segundo auxiliar tinha os olhos firmes e os ouvidos aguçados. Seguindo Wilson a pequena distância, rifle armado, Macomber avançava com passos hesitantes. Foi o primeiro a ouvir o rosnar amortecido pelo sangue que o leão soltou, e a ver o sacolejar violento das hastes de capim. Quase sem se dar conta disso, começou a correr desesperadamente, dominado por terrível pânico, na direção do rio.

Estava correndo, aos tropeços, quando ouviu o *ra-ra-bum!* do pesado rifle de Wilson, seguido imediatamente de outro disparo — *ra-ra-bum!* Voltou-se e viu o leão, horrivelmente desfigurado (metade de sua cabeça parecia ter ido pelos ares),

arrastando-se em direção a Wilson, logo à beira do capinzal, enquanto o caçador profissional, com o rosto vermelho, puxava de novo o ferrolho de seu pesado rifle de cano curto e, fazendo cuidadosa pontaria, disparou uma terceira vez — *ra-ra-bum!* —, imobilizando por fim o corpanzil da fera, cuja cabeçorra mutilada tombou por terra. Macomber ficou parado na clareira onde chegara, com o rifle armado ainda nas mãos, e os três homens — o caçador branco e os dois auxiliares nativos — olharam para ele com desprezo. Vendo o animal morto, Macomber se aproximou de Wilson, sua altura justificando ainda mais a censura dos outros. Wilson olhou para ele e disse:

— Quer tirar uma fotografia com o leão?

— Não — respondeu.

Foi tudo o que disseram até chegarem de volta ao carro. Lá, Wilson fez um comentário seco e direto:

— Era mesmo um leão e tanto! Vamos esperar aqui na sombra enquanto os rapazes lhe tiram a pele.

A mulher de Macomber não olhara para ele, nem ele para ela, e os dois estavam lado a lado no assento traseiro, com Wilson sentado na frente. Lá pelas tantas, Francis estendeu a mão e segurou a da mulher, embora não virando o rosto para ela, mas Margô fez questão de livrar-se daquele contato. Olhando para além das margens do rio, para o local onde os rapazes estavam esfolando o leão, ele pôde perceber que, do carro, ela tivera ampla visão de tudo o que acontecera. Estavam ali, esperando, quando de repente ela se inclinou para a frente, pôs a mão nos ombros de Wilson e, quando este se virou, deu-lhe um beijo na boca.

— Ora, que belo presente! — saudou Wilson, com o rosto mais vermelho do que o normal.

— Meu caro sr. Robert Wilson — exclamou ela. — Meu belo e vermelho sr. Wilson!

Sentou-se novamente ao lado do marido e ficou a olhar para o local onde estava a carcaça do leão, com os tendões aparentes nas patas dianteiras erguidas, e a inchada barriga branca reluzindo debaixo do sol, enquanto os rapazes terminavam de esfolá-lo. Depois de algum tempo, tendo enrolado a pele do animal, eles a

trouxeram, colocaram-na sangrenta e pesada na caçamba do utilitário, onde também se alojaram, partindo todos de volta ao acampamento. Ninguém disse uma só palavra até chegarem lá.

Foi assim que se deu o episódio envolvendo o leão. Macomber não tinha a menor ideia de como o animal se sentira antes de começar sua arrancada final, nem quando a bala calibre .505, com um impacto da ordem de duas toneladas, o atingira na boca, nem, ainda, quando ele se arrastara, já mortalmente ferido e com um segundo tiro tendo-lhe arrasado o quarto traseiro, rumo àquele pau que dava estouros e liquidara com ele. Wilson tinha alguma ideia a respeito disso, pois dissera que o animal “era um leão e tanto!”, mas Macomber não podia saber o que o caçador profissional guardava em silêncio dentro dele. Não tinha ideias claras, ainda, sobre o que estaria pensando sua própria mulher, embora fosse visível que ela estava por conta com ele.

Bem, ela já estivera danada com ele outras vezes, mas essa reação nunca durara muito tempo. Ele era muito rico, e ficaria ainda mais rico num futuro próximo. Sabia, por isso, que ela nunca o abandonaria. Era, em verdade, uma das poucas coisas que sabia muito bem. Todo o quadro se mostrava diante dele: as motocicletas (isso fora bem no começo), os carros, as caçadas elegantes, as pescarias — que foram das trutas aos salmões, e destes às aventuras oceânicas —, os livros eróticos (muitos livros), os esportes com raquetes, os cachorros (ele nunca fora muito ligado a cavalos), o seguro controle de seu dinheiro, assim como todas as outras coisas que caracterizavam seu trem de vida. Francis Macomber sabia que sua mulher nunca abriria mão delas. Ela fora uma mulher de grande beleza, e ainda era — pelo menos ali na África — uma mulher muito bonita, embora já não o fosse tanto em outros lugares — como na terra deles — para que o pudesse deixar sem perda de substância. Ela sabia disso, e ele sabia que ela sabia. Ela perdera a oportunidade de abandoná-lo, e ele também sabia disso. Se ele fosse um mulherengo, ela talvez até se preocupasse com a hipótese de ser abandonada, de seu marido trocá-la por uma mulher mais jovem. Como não fosse o caso, esse problema não existia na sua cabeça. Além de tudo, ele sempre fora uma pessoa tolerante, e essa era uma de suas melhores qualidades, se não fosse também a mais sinistra.

Eles constituíam, em suma, aquilo que se pode considerar um casal perfeitamente ajustado, um casal sobre o qual pairavam, como acontece com quaisquer outros, ocasionais rumores de rusgas, só que elas jamais chegavam a ser uma coisa séria. Tanto assim, que um colunista do *society* escreveu que os dois estavam agora colocando o tempero da *aventura* sobre o seu eterno e invejado *romance* ao participarem de um *safári* no Continente Negro, como era conhecida a África antes de o casal Martin Johnson torná-la conhecida nas telas de todos os cinemas do mundo, caçando o Velho Simba — o leão —, o búfalo, e Temba — o elefante —, para enriquecer com seus troféus o acervo do Museu de História Natural. O mesmo colunista já escrevera pelo menos três vezes antes que eles estavam *a ponto de*, como de fato estiveram. Mas as coisas sempre se haviam arrumado: Margô era bela demais para que Macomber se separasse dela, e ele tinha muito dinheiro para que ela o abandonasse.

Eram três horas da manhã quando Francis Macomber, que só conseguira dormir quando parara de pensar no leão, e estava com o sono leve, despertou subitamente, tendo visto, num sonho, a cabeça sangrenta da fera quase encostada à dele, e ficou trêmulo em seu catre de lona, o coração disparado. Foi então que notou a ausência de Margô: ela não estava deitada no outro catre, nem se encontrava sob a tenda. Diante de tal descoberta, Francis não conseguiu mais dormir, e ficou lá, pensativo, pelas duas horas seguintes.

Ao fim desse tempo, ela voltou à tenda, ergueu o mosquiteiro e se deitou aconchegadamente no leito.

— Onde é que você esteve? — perguntou-lhe Macomber em plena escuridão.

— Olá — respondeu ela. — Você está acordado?

— Onde é que você esteve?

— Fui respirar ar fresco lá fora.

— Ora, não me venha com essa!

— O que você quer que eu diga, querido?

— Onde é que você esteve?

— Fui tomar ar fresco, já disse.

— Ah, agora é assim que se chama? Você é uma puta!

— E você não passa de um covarde!

— E daí? O que tem uma coisa a ver com a outra?

— Nada, no que me diz respeito. Mas é melhor não continuar este papo, porque estou com muito sono.

— Você acha que eu estou disposto a aceitar isso?

— Acho que está, querido.

— Bem, saiba que não estou.

— Vamos parar por aqui, querido. Já lhe disse que estou morrendo de sono.

— Tínhamos combinado que não aconteceria nada disso. Você me prometeu.

— Mas acabou acontecendo — admitiu ela no tom mais doce.

— Você me garantiu que se fizéssemos esta viagem não haveria nada disso. Você me prometeu que não haveria.

— É verdade, querido. E eu estava realmente disposta a cumprir a promessa até que as coisas desandaram. Até ontem, para ser precisa. Mas temos mesmo que falar sobre isso?

— Você nem perde tempo para pensar assim que uma oportunidade se apresenta, não é?

— Chega de papo, meu bem. Mal consigo manter os olhos abertos...

— Mas eu quero falar!

— Então me desculpe, porque agora eu vou mesmo dormir. — E dormiu naquele instante.

Ao café da manhã, antes de clarear, reuniram-se à mesa todos os três, e Francis Macomber pôde ver que, de todos os homens que ele odiara antes, a nenhum odiara tanto quanto a Robert Wilson.

— Dormiu bem? — perguntou-lhe Wilson com aquela sua voz rouca, enquanto acendia o cachimbo.

— E você? — respondeu Macomber.

— Esplendidamente! — exclamou o caçador profissional.

“Seu filho da puta!”, pensou Macomber. “Seu safado filho da puta!”

“Está na cara que ela o acordou ao voltar à tenda”, raciocinou Wilson, olhando para o casal com aqueles seus olhos duros e frios. “Que se dane! Por que não toma

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Contos - Volume 2"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).